

JORNAL: Opinião LOCAL: Rio de Janeiro
DATA: 06/05/1974 AUTOR: Ronaldo Brito
TÍTULO: Ivan Serpa — Um pintor contra o estilo
ASSUNTO: Ivan Serpa e sua Criatividade

24

ARTES PLÁSTICAS

Ivan Serpa

Um pintor contra o estilo

Um espectador ideal que, por acaso, percorresse os salões do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, sem conhecimento prévio do que estava ali ocorrendo, poderia muito bem pensar que aquela era uma excelente coletiva, composta exclusivamente de bons artistas. Não seria fácil, talvez, convencê-lo que os numerosos trabalhos das mais diversas tendências que estavam à sua frente eram obra de um único artista. A retrospectiva Ivan Serpa (1923-1973), aberta até 25 de maio, é uma espécie de desmentido à clássica fórmula: "O estilo é o homem".

Alguns críticos já lamentaram o exemplo de Pablo Picasso, cuja diversidade de produção tornou-se lendaria, argumentando que muitos artistas se perderam ao seguir essas tortuosas pegadas. Esses críticos ponderavam que nem tudo o que um Picasso poderia concretizar sem perder a sua unidade — o seu estilo, afinal das contas — seria realizável por pintores de menos recursos, a não ser com o sacrifício de suas próprias individualidades. Desse ponto de vista, artistas como Serpa seriam vítimas de um fascínio pela multiplicidade que viria a limitar consideravelmente o seu testemunho.

É possível, no entanto, que Pablo Picasso não tenha feito outra coisa senão obedecer às exigências de seu tempo ao construir uma obra quase labiríntica. E é possível mesmo que estivesse lutando justamente contra as

limitações do que se convencionou chamar estilo. (Não foi o próprio Picasso quem declarou que o pior tipo de imitação era a que alguém fazia de si mesmo?) Seguindo esse raciocínio, Ivan Serpa, por exemplo, seria um artista que teria compreendido, até de uma forma precursora no Brasil, a tarefa do artista moderno como um exercício incessante em busca do novo e do desconhecido. Ele teria compreendido, como fizeram alguns artistas *pop* e os adeptos da arte conceitual, que a chamada individualidade criadora poderia muito bem ser um mito destinado a inibir a capacidade de investigação, assim como o mito do artista como um ser especial já fora desmascarado como uma tática da sociedade para mantê-lo afastado das decisões políticas.

Analisada a partir desse ponto de vista, a vasta e multifacética obra de Ivan Serpa torna-se muito mais compreensível. Em primeiro lugar, como nota o crítico que apresenta a exposição, Roberto Pontual, esse artista preocupava-se sobretudo em manter sua obra em estreita relação com o que se produzia de novo nos Estados Unidos e na Europa. E de fato Serpa representou até a sua inesperada morte, no ano passado, um importante papel de divulgador, orientador e pensador das questões da arte contemporânea internacional no Brasil.

Os 274 trabalhos expostos no MAM revelam além disso uma extrema

liberdade de movimentos. Serpa passava de uma experiência a outra inteiramente oposta com uma segurança que por si só praticamente proibia quaisquer acusações de oportunismo. As gravuras geométricas do início da década de 50 e as grandes telas expressionistas da *Fase Negra*, características da década de 60, apresentam, cada qual a seu modo, a mesma concentração e honestidade de propósitos. Ao lado das telas concretistas, dos trabalhos operóticos — que reuniam elementos aparentemente tão incompatíveis entre si como os fantasmas eróticos e os jogos óticos — e da mística série final, *Geomântica*, esses trabalhos tomavam lugar num projeto geral do artista.

Mas se a crítica à falta de estilo com relação a Ivan Serpa pode ser considerada um equívoco — na medida em que o seu objetivo era exatamente a diversidade — o mesmo talvez não possa ser dito com respeito a uma outra acusação da qual costuma ser vítima: o excessivo didatismo. Este parece ser o principal responsável pelo caráter pouco radical de seus trabalhos e por sua inventividade até certo ponto acadêmico. A obra de Ivan Serpa é a de um homem minucioso, metódico, mais preocupado em explicar do que em inovar. E foi exatamente esse didatismo que o levou a produzir muita coisa que parece mais um estudo sobre a arte moderna do que propriamente uma obra de arte moderna. (Ronaldo Brito)

OPINIÃO, 6-05-1974